

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DOUBLE BILL  
8 de janeiro de 2022

## TWO-LANE BLACKTOP / 1971 (*A Estrada Não Tem Fim*)

um filme de Monte Hellman

**Realização:** Monte Hellman / **Argumento:** Rudy Wurlitzer e Will Corry, baseado numa história original do segundo / **Direcção de Fotografia:** Jack Deerson / **Música:** Billy James / **Som:** Charles T. Knight / **Guarda-Roupa:** Richard Bruno / **Montagem:** Monte Hellman / **Interpretação:** James Taylor (o Condutor), Dennis Wilson (o Mecânico), Warren Oates (GTO), Laurie Bird (a Rapariga), Harry Dean Stanton (homem à boleia no Oklahoma), David Drake, Richard Ruth, Rudy Wurlitzer, Jaclyn Hellman, Bill Keller, Don Samuels, Charles Moore, Alan Vint, Katherine Squire, etc.

**Produção:** Universal – Michael Laughlin Productions / **Produtor:** Michael Laughlin / **Produtor Associado:** Gary Kurtz / **Cópia:** 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em português, 102 minutos / **Estreia em Portugal:** AC Santos, a 20 de Fevereiro de 1998.

---

**Two-Lane Blacktop** é apresentado em “double bill” com **The Bedford Incident**, de James B. Harris (“folha” distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 30 minutos.

---

É muito possível que o melhor filme de Monte Hellman seja este **Two-Lane Blacktop**, realizado em 1971. Posto ao lado de dois outros famosos road movies desta época, o **Easy Rider** de Dennis Hopper e o **The Vanishing Point** de Richard Sarafian (este, é verdade, um pouco mais obscuro), com os quais mantém evidentes proximidades, o de Hellman sobressai: parece melhor, e sobretudo parece ter envelhecido muito menos.

Na altura o filme foi um flop, apesar de protagonizado por duas estrelas de origem extracineamatográfica mas de razoável calibre, James Taylor (cantor e compositor) e Dennis Wilson (o baterista dos Beach Boys, o mais novo dos irmãos Wilson e o mais “hippie”). Não passou no entanto, completamente despercebido – a revista *Esquire* proclamou-o “filme do ano”, mas nem isso impediu o fracasso e o quase completo esquecimento a que se viu votado a seguir.

Como **Easy Rider** (e como o filme de Sarafian), **Two-Lane Blacktop** passa por ser um olhar sobre a “liberdade” dos modos de vida preconizados pela contracultura americana e “jovem” da década de 60. Mas se **Easy Rider** (e, outra vez, **Vanishing**

**Point)** filmavam a crónica da sua derrota e decadência, Monte Hellman arrisca-se a filmar o que está para além disso. Ou seja, uma espécie de vazio, de silêncio, corporizado pela estrada (que “não tem fim”, como diz e bem o título português) e pela ausência de qualquer coisa aproximável a um “valor”: as personagens de **Two-Lane Blacktop** avançam como zombies, correm apenas “porque sim”. Não há um objectivo, não há nada, não há, sequer, coisa alguma a defender, nem (como nos outros dois filmes) um luto a fazer. Monte Hellman filma o vazio, o inútil, a ausência de sentido. O engenhoso final (um ralenti, um paralítico, e depois a simulação de um fotograma a pegar fogo) é uma maneira de “forçar” um fim que na prática não existe: para acabar, para chegar a um final, o filme tem que “deitar fogo” às suas personagens, libertar-se delas, recusar-se a continuar a sua deriva. Se **Easy Rider** era um filme de luto por algo a que genericamente chamaríamos os “sixties”, o filme de Hellman equivale a uma pedra tumular, deixada em branco e sem epitáfio.

Hellman filma a viagem, e o formato de “road movie”, sempre de acordo com essa ideia. Não há, como em **Easy Rider** chega a haver (a comparação é insistente mas a simetria é gritante), qualquer espécie de euforia. O próprio tempo do filme transmite-o: para um filme sobre corridas de carros, **Two-Lane Blacktop** é surpreendentemente “lento”, surpreendentemente esvaziado de peripécias. Mas é um tempo (o do filme) que tem muito de admirável, sobretudo porque Hellman (que também é creditado como montador) consegue aguentá-lo sempre no mesmo registo “anti-climático” – um momento de “frisson”, uma leve queda no mais ínfimo sinal de entusiasmo, e o filme trair-se-ia.

Essa questão – **Two-Lane Blacktop** como um “tempo morto” – articula-se de modo brilhante com a questão da viagem. É que tão importante como o percurso das personagens (devidamente assinalado pelas tabuletas de entrada nos diversos estados percorridos) é o que está à volta deles, uma América interior bem diversa da América urbana (da costa leste ou da costa oeste) onde nasceu a “contracultura”. Uma América “sem tempo”, uma América que para as personagens é irreconhecível (“vocês por acaso não são hippies, não?”, pergunta um homem num “diner” de beira da estrada), e uma América que, sobretudo no caso das personagens a quem Warren Oates dá boleia (“só me aparecem tarados”, diz ele, mais ou menos), se revela através de uma espécie de “dark side” (a personagem de Harry Dean Stanton, quase “lynchiana”) ou, quase literalmente, de “fantasmagoria” (a notável cena com a velhota e a miúda a caminho do cemitério). Há aqui mais do que melancolia: há uma verdadeira tristeza, bem expressa ainda no tratamento da paisagem (natural ou urbana), nas noites e na chuva (há uma cena num lugarejo em que a chuva é perfeitamente “belatarriana”, passe a expressão).

Em resumo, um filme magnífico, um dos grandes “underrated movies” do cinema americano, que valia a pena recuperar sem preocupações relativistas.

Luís Miguel Oliveira